

PRÊMIO DE REDAÇÃO

NÚMERO: _____

TÍTULO: A Máquina do Mundo: Uma Busca Sisifiana pela Cidade Interior

Dizem que lá há uma máquina capaz de abarcar tudo, porém nunca a encontrei. Procurei-a nas entrelas, onde os homens desenham deuses para não se sentirem pequenos. Procurei-a nos livros, onde os mortos continuam contando histórias para todos aqueles que vão lá ler emprestados olhos. Procurei nos mapas, nas cidades, nas guerras, nas igrejas, nos laboratórios e nas bocas daqueles que juravam conhecer o caminho.

Nada.

Até que um dia, escutei um ruído dentro do peito, não um coração, algo bem mais antigo. Havia engrenagens girando por trás das costelas, umas dentro das outras, rangendo como velhas portas entaladas. Uma se chamava medo. Outra se chamava memória. Outra, desejo. Havia também outra bem pequena, quase invisível chamada esperança. Muitos outros eu nunca saberia nomear.

A máquina funcionava desde o interior de mim. Mas não havia deixado alguns pedaços. Minha mãe, outros. Os mortos haviam deixado alguns engrenagens inteiros, polidos pelo atrito das gerações. Os vivos ainda acrescentavam alguns pedacinhos. Cada conhecimento era uma bolta. Cada amor seria uma moeda. Cada perda, uma fissura. Cada sonho, uma peça que não deveria caber ali, mas que justamente por isso, fazia a máquina continuar.

Então compreendi, talvez, não sei nomear as máquinas. Construíamos continentes sem sair do lugar, travamos batalhas em pensamentos, construíamos impérios com uma lembrança, desenterramos cidades com uma só palavra, amamos como quem desafia a própria gravidade, e no fim, insistimos. Talvez, porque eu mais tenho temido seja isso. Mesmo quando tudo termina, alguma coisa continua.

Uma vez chorosamente continuei a chamar pelo nome de quem já se foi pra sempre. Uma criança inocentemente continuei a questionar o porque do céu ser azul. Alguém continuei a plantar após uma guerra. Alguém continuei a atravessar o oceano, mesmo sabendo que nenhum horizonte promete algo. Mas não se pode chamar de tolo, aqueles que almejam o impossível.

Porque assim é a peça mais preciosa da máquina. Ela não se chama razão. Nem força. Mas aquela pequena e ínfima chamada esperança.

Porque o homem constrói o fim e mesmo assim começa.

Constrói a queda e constrói pontes.

Constrói a morte e a vida.

Constrói a solidão e chama pelo nome de outros.

Constrói o abismo e os invólucros para encará-lo, constrói uma família.

Por isso, quando finalmente ouso a máquina funcionar, do interior de mim, não encontro resposta alguma.

Encontrei uma pergunta.

E ela gerou...

Gerou, girou e girou...

Começa a máquina dependendo somente de uma coisa: que apesar de não sabermos para onde vamos, ainda escolhemos caminhar.